

Mario de França Miranda

A IGREJA

EM TRANSFORMAÇÃO

Razões atuais e perspectivas futuras

Prefácio

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Mario de França

A Igreja em transformação : razões atuais e perspectivas futuras /
Mario de França Miranda. -- São Paulo : Paulinas, 2019. -- (Recepção)

Bibliografia

ISBN 978-85-356-4545-3

1. Francisco, Papa, 1936- 2. Igreja Católica - Missão 3. Igreja e
problemas sociais - Igreja Católica 4. Mudança social 5. Teologia social
6. Transformação I. Título II. Série.

19-27857

CDD-261.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Transformação : Igreja Católica : Teologia social 261.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

João Décio Passos

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *@photographee.eu/depositphotos.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

A todos os que com o Papa Francisco colaboram com orações, palavras, ações, iniciativas e manifestações, conscientes e comprometidos com o momento crucial que atravessa a Igreja de Jesus Cristo.

SUMÁRIO

Uma séria recomendação, um forte apelo	
Sucintas palavras	13
<i>Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães</i>	
Introdução	17
Uma realidade em contínua transformação.....	27
1. Conhecimento e interpretação	28
2. Conhecimento e história	31
3. Conhecimento e tradição	33
4. A inevitável questão da verdade	34
5. A verdade se desvela na história.....	36
6. A verdade cristã.....	39
7. A atuação do Espírito Santo	41
8. Espírito Santo e renovação eclesial	43
O testemunho da história.....	47
1. A necessidade de mudanças institucionais	48
2. Transformações nos primórdios do cristianismo.....	49
3. O cristianismo como religião oficial do Império Romano	51

4. A Igreja como sociedade perfeita.....	54
5. O Concílio Vaticano II	56
6. A evolução doutrinal	57
7. Cristianismo e pensamento grego.....	60
8. Alguns exemplos de transformações realizadas	63
9. O período pós-conciliar	65
Resistências às transformações em curso	69
1. O poder na Igreja.....	70
2. A busca por segurança	73
3. Um cristianismo de ritos tradicionais.....	73
4. Estrutura mental estática	74
Urgência e fundamentação das transformações.....	77
1. Jesus Cristo e o Reino de Deus.....	78
2. O Deus do Reino.....	81
3. A evolução histórica	82
4. Igreja e missão.....	83
5. Nova configuração eclesial.....	86
6. Uma Igreja sinodal	88
7. A Igreja e os pobres	90
8. A ação do Espírito Santo	93
9. Um Deus misericordioso.....	98
À guisa de conclusão	101
1. A urgência de uma linguagem atualizada	101
2. A primazia do “vivido”	103
3. O amor fraterno na construção do Reino de Deus	105
4. Um laicato missionário	107
5. Uma Igreja futura diferente.....	110
Breve bibliografia	113

UMA SÉRIA RECOMENDAÇÃO, UM FORTE APELO

Sucintas palavras

Dentre os muitos parágrafos escritos pelo Papa Francisco, em incomum esforço de orientar bem a necessária, indispensável e urgente reforma da Igreja, encontramos o de número 25 da Exortação Apostólica de emblemático título *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho: “Não ignoro que hoje os documentos não suscitam o mesmo interesse que noutras épocas, acabando rapidamente esquecidos. Apesar disso sublinho que, aquilo que pretendo deixar expresso aqui, possui um *significado programático e tem consequências importantes*. Espero que *todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária*, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento não nos serve uma “simples

administração”. Constituíamo-nos em “estado permanente de missão, em todas as regiões da terra” (grifos nossos).

Vejamos:

- a) a reforma da Igreja tem seu programa fundamental na EG, com extensão em outros textos;
- b) é para todos em todas as regiões da terra;
- c) implica conversão pastoral e missionária;
- d) porque as coisas não podem continuar como estão.

Pouco adiante, para explicar a “inadiável renovação eclesial”, no n. 27, o Papa Francisco desce a detalhes que surpreendem pela concretude dos exemplos: “Sonho com uma opção missionária capaz de *mudar tudo*, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e *toda a estrutura eclesial* se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à sua autopreservação” (grifos nossos).

Mais uma vez, vejamos:

- a) a reforma da Igreja deve mudar tudo;
- b) dos horários... até toda a estrutura eclesial;
- c) com vistas à evangelização (missão primordial da Igreja, porque é a missão de Jesus Cristo), e não à sua autopreservação.

O que faz o Pe. Mário de França Miranda, SJ, neste livro denso, direto, claro, de poucas páginas? Em quatro capítulos, num crescente rumo à “urgência e fundamentação

das transformações” da Igreja, mais uma conclusão em cinco pontos-síntese, ele facilita a compreensão da “Igreja em transformação”, dando as razões do presente momento e apontando as perspectivas futuras.

A reforma está em andamento. É uma realidade. O rumo está correto. Ele nos é dado pelo Espírito Santo, iluminador da Igreja e, claro, do Papa Francisco. Além disso, a reforma até aqui já dá sinais inequívocos de revitalização e renovação eclesial, de maior compromisso com o Evangelho, tanto no interior da Igreja quanto em sua presença pública no mundo.

Como a reforma é inadiável, é necessário que haja mais e maior adesão a ela. O grau de comprometimento dos agentes eclesiais, de leigos(as) a cardeais, é diversificado, vai do máximo ao zero, passa por aqueles que estão totalmente empenhados, na alegria do Evangelho e confessado entusiasmo existencial-teológico-pastoral, até aqueles outros, em pequena porção, que resistem e se opõem clara ou disfarçadamente por meio da negação ou da má vontade.

É certo, todavia, que, em muitos lugares, o que o Papa Francisco orienta, está em curso há muito tempo, tornando-se realidade. Mas é certo, também, que há sempre e muito mais a fazer. Como “as coisas não podem continuar como estão” (conforme acima citado), maior deve ser a adesão daqueles que já estão colaborando para colocar a “Igreja em saída”. A Igreja vai em saída, quando em saída vão as comunidades, a pastoral, a evangelização, os agentes, a teologia... rumo às periferias todas.

Pe. França Miranda dá a compreender melhor as transformações da Igreja, explicita os principais pontos, fundamenta a reforma e assim colabora com todos os que estamos às voltas com o caminhar da Igreja, mais comprometida com Jesus Cristo e o cerne de sua mensagem, o Reino de Deus. A ele, com liberdade e admiração, agradeço em nome de todos quantos querem caminhar. Somos amigos e irmãos. Considero o Pe. França Miranda meu mestre por ter-me orientado nos estudos. Descobri que ele é mestre de muitas e incontáveis pessoas, pelo serviço que presta por meio da teologia, de altíssima qualidade e acentuada sensibilidade pastoral.

A séria recomendação: leiam este livro, porque ele ilumina.

O forte apelo: deem adesão à reforma, defendam-na, e ao Papa Francisco, porque ele ilumina.

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Servidor como Bispo Auxiliar de Belo Horizonte
Reitor da PUC Minas
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral
para a Comunicação Social da CNBB

INTRODUÇÃO

O texto que o leitor tem em mãos nasceu de uma indagação muito pessoal, a saber, como explicar esta agitação em curso na Igreja que, à primeira vista, rompe com um passado mais tranquilo? Resulta ela das tensões e dos extremismos presentes na atual sociedade? Ou suas raízes estão no interior da própria Igreja, sacudida por novos questionamentos, por novas compreensões da fé cristã, por novos padrões de comportamento, por novas espiritualidades, por novas instituições e por novas práticas religiosas? Ou por ambas as causas, já que Igreja e sociedade sempre interagiram mutuamente; afinal, a Igreja se encontra no interior da sociedade, não só a influenciando, mas também sendo por ela atingida.

Este fato se revela capital para entendermos o que assistimos hoje na Igreja, porque, como veremos mais adiante, a Igreja, tanto em sua linguagem (proclamação

da fé) quanto em sua organização institucional (estrutura social), não pode prescindir da sociedade: ambas não caem do céu já prontas, mas são captadas e assumidas do entorno social respectivo. Portanto, as transformações culturais e sociais que a sociedade experimenta ao longo da história não deixarão de atingir também a Igreja, que, sem perder sua identidade provinda de Deus, terá que mudar sua linguagem e sua estrutura para que se faça entendida e significativa para toda uma geração. Numa palavra, muda para poder continuar sendo Igreja, sinal ou sacramento devidamente captado e entendido pela sociedade de então. Caso contrário, perde credibilidade e força atrativa, com o perigo de se ver reduzida a peça de museu.

Não podemos negar vivermos uma época de transformações socioculturais múltiplas e aceleradas. Sentimos dificuldade em acompanhá-las em sua totalidade, de tal modo que em alguns setores da vida cultural nos sentimos como estranhos no ninho. Mas aí estão as mudanças, inevitáveis mesmo. A assim chamada *modernidade*, que, em suas raízes, nasceu de valores propriamente cristãos, reivindicando liberdade religiosa, democracia política, direitos humanos para todos, respeito às conquistas da razão e da técnica, participação de todos na vida social, autonomia das ciências, da economia e da política, se deparou com uma Igreja fortemente hierarquizada e pouco participativa, que assumiu uma atitude crítica e fechada diante da mesma.

O Concílio Vaticano II significou a retomada do diálogo entre a Igreja e a sociedade com momentos de atuações, de extremismos e de voltas atrás, como tem sido uma constante na história da Igreja em períodos pós-conciliares. Entretanto, as mudanças continuaram a modificar a vida social e cultural, introduzindo-nos num período caracterizado como pós-moderno, ainda objeto de muitas discussões teóricas, mas que atinge em cheio nossa vida cotidiana, pois o pluralismo reina em nossos dias. Qualquer perspectiva de leitura da realidade goza de direitos iguais de expressão e de prática. Os referenciais sólidos do passado perdem força e credibilidade e os do presente são frágeis e líquidos. O respeito à diversidade se impõe como condição necessária para a vida social. A tolerância se torna uma palavra sagrada.

Ao mesmo tempo, a hegemonia do fator econômico reduz os demais âmbitos da vida social a mercadorias, que devem render dividendos para se justificar como realidades significativas. Arte, literatura, ciência, esporte ou religião são vistas sob este prisma. A produtividade se coloca como valor acima mesmo do ser humano. Protestos que brotam de uma consciência ética ou jurídica não se traduzem frequentemente em resultados práticos correspondentes. Estamos tocando aqui no *núcleo* da atual crise mundial: o ser humano não mais constitui o valor supremo da sociedade, não é mais a meta de toda a organização social (ao menos na prática), mas simples meio para o lucro cumulativo. Desta aberração atual decorrem as demais: esgotamento dos recursos naturais,

transformações irreparáveis do equilíbrio ecológico, crescentes desigualdades sociais, acumulação do capital e do poder em mãos de alguns poucos, explosão contínua de violências, radicalização das posições políticas, fuga para o consumismo, para as drogas, para os cultos religiosos com forte carga emotiva, para a distração contínua proporcionada pela internet. Sem dúvida, o quadro não é apenas negativo, se considerarmos os progressos da ciência, da medicina, da difusão da cultura pelas redes midiáticas, do aumento da consciência social em favor dos mais pobres, e poderíamos citar muitos outros fatores positivos vigentes hoje.

Entretanto, é a esta sociedade que a Igreja deve falar. Aqui está por que ela deve rever algumas de suas linguagens e práticas, nascidas no passado, quando eram significativas e oportunas, mas que hoje constituem mais obstáculo do que mediação. E o critério que a Igreja dispõe para tal tarefa não pode ser outro senão a *pessoa de Jesus Cristo*, suas palavras e suas ações. Felizmente, dispomos hoje de valiosos estudos de cristologia que nos revelam com maior precisão e profundidade quem foi realmente Jesus Cristo.

Considerar a Igreja como a continuadora da *missão* de Jesus Cristo ao longo da história, como aquela que deve proclamar e realizar o projeto de Deus para a sociedade humana – projeto este condensado na expressão *Reino de Deus* –, traz certamente consequências sérias para a realidade institucional, cultural, pastoral e, sobretudo,

missionária desta mesma Igreja. Pois a pessoa de Cristo anunciada pela Igreja constitui sempre um fator de correção e reforma para ela própria. Transformações que surgem do confronto com a pessoa de Jesus Cristo são necessárias, justificadas e realmente cristãs, porque provêm da ação do Espírito Santo, sempre presente e atuante na comunidade dos fiéis.

O projeto do Pai em favor da humanidade foi sempre prioritário na pregação e no agir de Jesus Cristo, e toda a sua existência foi levar vida para seus contemporâneos, diminuindo os sofrimentos, sanando as divisões e promovendo o amor fraterno acima de classes sociais, de grupos religiosos ou de nacionalidades, lançando assim as bases indispensáveis para uma autêntica e realista convivência humana, o que correspondia ao desígnio de Deus. Jesus deu maior importância ao *ser humano em necessidade* do que às tradições, ritos e práticas religiosas de seu tempo. Exatamente ao contrário do que vemos hoje na sociedade e, mesmo para alguns mais críticos, na própria Igreja. Este ponto será decisivo no capítulo consagrado a uma reflexão teológica mais aprofundada.

Não podemos deixar de mencionar, na tensa situação eclesial de nossos dias, a figura do *Papa Francisco*. Para quem está familiarizado com as conquistas do Concílio Vaticano II, com as Assembleias Episcopais do CELAM, com algumas insistências presentes nos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, ainda que não percebidas e valorizadas devido a outras de cunho mais disciplinar,

provocadas pelo debate em curso sobre as consequências do Concílio, o Papa Francisco se encontra, em suas opções de fundo, em continuidade a seus antecessores. Naturalmente estamos às voltas com um Papa latino-americano e não europeu, com madura experiência pastoral, formado numa teologia mais próxima à vida concreta do que à academia, mestre numa linguagem simples e direta, muito livre e, portanto, muito corajoso ao discernir e seguir os apelos do Espírito Santo para a Igreja, e com profunda e vivida sensibilidade com relação aos mais desfavorecidos.

Sua preocupação por todo e qualquer ser humano que sofra fome, injustiça, preconceito ou violência fez dele um líder mundial, respeitado pelos mais diversos povos e religiões. Oposições e resistências acontecem no interior da Igreja, pois sua missão consiste em corrigir uma excessiva centralização, uma mentalidade clerical baseada num poder sagrado que ocasionou, sem dúvida, os desmandos de cunho econômico e sexual, amplamente divulgados pela imprensa e atacados com persistência por Francisco. Aliás, não é à toa que o profeta sofre mais com as autoridades religiosas, cientes de seu poder e de seus privilégios, do que com o povo, como nos comprova indubitavelmente o que se passou com Jesus Cristo e com muitos de seus seguidores mais coerentes. Outras fontes de resistência provêm de reações a sua cruzada em favor dos povos pobres, que desagrada autoridades políticas que não querem mudanças no sistema econômico dominante e se organizam para combater o Papa,

que nada mais faz senão dar continuidade ao ensino social de seus antecessores.

A hora pede que evitemos avaliações precipitadas, emotivas, imaturas. Nossas apreciações positivas ou negativas pressupõem previamente nosso amor à Igreja, o respeito pelos que a dirigem em qualquer nível nestes tempos difíceis, nossa fé na pessoa de Jesus Cristo, que nos permite relativizar o que de humano e de frágil encontramos na Igreja, mas igualmente ter uma consciência crítica acerca da atual cultura individualista, permissiva, que cultua o mercado como seu deus.

Para que o leitor melhor compreenda o atual momento com as transformações em curso e possa chegar a um juízo mais fundamentado, dividimos a matéria em vários capítulos, que buscam fornecer elementos para uma avaliação objetiva e realmente cristã. O capítulo inicial procura mostrar, ainda que brevemente, por que a humanidade está sempre sujeita a uma evolução em todos os setores de sua realidade, pois todo conhecimento humano é histórico, sujeito ao contexto no qual acontece, com suas riquezas e limitações. Além disso, sempre traz em seu bojo uma interpretação que lhe confere sentido e possibilita ser realmente um conhecimento. Mudando o contexto, surgindo novos desafios, haverá inevitavelmente uma evolução do pensamento que não pode se tornar prisioneiro de uma época histórica. Para nós, cristãos, essa evolução é também propulsionada pela ação do Espírito Santo, que anima, estimula, esclarece e orienta a fé da

Igreja ao longo das vicissitudes da história; ação esta que se manifesta como tal através de um adequado discernimento espiritual.

O capítulo seguinte é de cunho *histórico* e procura mostrar como a evolução em doutrinas e em práticas sempre foi uma constante na história da Igreja, seja devido às transformações socioculturais, seja por causa das reformas eclesiais que urgiam. Já diziam os antigos que a Igreja deve estar sempre em trabalho de reforma. O capítulo terceiro aborda a questão das *resistências* encontradas pelo Papa Francisco, quando então buscamos esclarecer suas causas, sejam elas de cunho cultural, teológico ou moral, conforme as experiências pessoais e a formação recebida dos diversos membros da Igreja. Em seguida, chegamos ao capítulo quarto, que busca *fundamentar* os esforços atuais por uma renovação do corpo eclesial e que certamente constitui o mais importante de todos. Numa parte final, elencamos de modo breve e simples algumas *características* que a Igreja deveria ter neste terceiro milênio.

Para tornar o texto mais direto e acessível, renunciamos a indicar as obras consultadas, as quais serão elencadas, em parte, no final do livro. Oxalá possa chegar o leitor, através destas páginas, a uma compreensão mais objetiva e realista do atual momento histórico vivido pela Igreja! Talvez ele só será avaliado devidamente e reconhecido em toda a sua importância mais tarde, pela repercussão que terá nos anos futuros. Nem sempre os

contemporâneos de um evento percebem seu valor, mas sim aqueles que puderam experimentar seus efeitos na história posterior. Cabe a nós participarmos deste evento não só como observadores passivos, mas também como colaboradores ativos na transformação da Igreja, para melhor desempenhar sua missão de proclamar e realizar o Reino de Deus.